

Jornal da Tarde

12/7/1986

A batata de Leme

O grande temor: esta greve pode crescer.

Várias assembléias neste fim de semana podem decretar a ampliação das greves de bóias-frias a regiões como as de Guariba e Ribeirão Preto, onde o ambiente ficou mais tenso agora.

Usineiros e líderes de sindicatos rurais de todo o Estado estão se perguntando como ficará o clima, já tenso nas últimas semanas, depois dos incidentes de Leme. Na região de Ribeirão Preto, onde tradicionalmente se iniciam os conflitos envolvendo bóias-frias, normalmente no mês de maio, os empresários não quiseram manifestar-se sobre o problema ontem. Somente hoje, um porta-voz escolhido por eles deverá apresentar a posição oficial da classe.

Mas várias assembléias de trabalhadores rurais estão marcadas para este fim de semana em diferentes regiões do Estado, e com o clima de tensão provocado pelos conflitos de Leme pode ser que o movimento se alastre. Os bóias-frias da região de Ribeirão Preto, a principal zona canavieira do País tem se reunido com frequência nos últimos dias e tinham intenção de esperar as usinas acelerarem o ritmo de produção da safra, antes de aprovar uma paralisação. Agora, alguns sindicalistas já admitem que os acontecimentos de Leme poderão apressar uma decisão.

Os sindicalistas garantem que estão "segurando" a precipitação do movimento, enquanto os empresários, de seu lado, afirmam que aguardam a manifestação da Federação da Agricultura.

De sobreaviso

Os prefeitos e as autoridades dos governos federal e estadual temem a repetição dos distúrbios e defendem uma ampla negociação localizada antes de qualquer atitude. Na segunda e terça-feira, estão programadas mesas-redondas na sub-delegacia regional do Trabalho de Ribeirão Preto, envolvendo representantes das duas partes em Serrana, Jaboticabal, Monte Alto e Cravinhos.

Já a Polícia Militar está atenta à possibilidade de paralisação e os batalhões de Ribeirão Preto, Araraquara e Franca estão de sobreaviso para entrar em ação, caso seja necessário. Mas o comando da PM acredita que a violência verificada ontem em Leme deverá inibir a ação dos "agitadores de greve", assim como sensibilizar as autoridades e os empresários para encontrar uma solução pacífica.

Ontem, houve um início de tensão na área rural com a deflagração de greves setorializadas nas usinas São Martinho, em Pradópolis, e São Carlos, em Jaboticabal, onde 560 operários do setor de produção industrial paralisaram suas atividades durante a madrugada, segundo informações da PM. O movimento, porém, não chegou aos cortadores de cana, mas pode ser alastrado para outras usinas da região, onde os funcionários também reivindicam reajustes salariais.

Para os usineiros, não é possível conceder mais do que foi acertado no acordo firmado com a Fetaesp. Essa será a posição defendida por eles nas próximas negociações. Reajustes salariais acima disso, segundo os usineiros, provocariam o imediato aumento de preços dos seus produtos — o açúcar e o álcool — o que além de afetar o congelamento de preços e o próprio Programa de Estabilização Econômica, dificilmente seria tolerado pelo governo. Eles, entretanto, estão preocupados e pretendem manter o diálogo com as lideranças sindicais para evitar "a todo custo" a greve, segundo informou uma fonte do setor.

Riscos

Durante assembléia realizada ontem em Sertãozinho, outra cidade canavieira importante da região, cerca de 200 bóias-frias decidiram que, se não houver acordo com os usineiros até terça-feira, também entrarão em greve. Para quarta-feira está prevista uma reunião em Ribeirão Preto entre dirigentes sindicais rurais de Sertãozinho, Serrana, Sales Oliveira, Barrinha, Pontal, Pitangueiras, Pradópolis, Ribeirão Preto, Guariba, Ituverava e São Joaquim da Barra, onde haverá uma decisão final sobre a possível paralisação. "Há risco de conflitos", advertiu o presidente do Sindicato de Serrana, Adão Amaro, que liderou uma assembléia com 600 bóias-frias. "Todos estão revoltados com o que a polícia fez em Leme", confirmou ele. "Os trabalhadores estavam de mãos limpas e foram espancados. Estamos pedindo calma mas o risco existe."

Já em Guariba, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, José de Fátima, que recentemente deixou o PT e a CUT e converteu-se ao malufismo, garante que dificilmente haverá greve, se depender dele. Fátima, afirma que os trabalhadores estão despreparados e que a paralisação é inoportuna. "Não vamos entrar em greve como forma de fazer uma greve contra a atuação da Fetaesp", disse ele.

Nada de novo

Os conflitos na região canavieira paulista não são novos. Nos últimos anos, o noticiário jornalístico do mês de maio sempre teve espaço para que as greves de bóias-frias e seus desdobramentos, algumas vezes marcados por atos de violência. Como os registrados na manhã de ontem na periferia de Leme, um município sem qualquer tradição grevista no setor.

Neste ano, as negociações entre usineiros e bóias-frias foram mantidas pelos órgãos de classe num clima sem tensão e atravessaram todo o mês de maio, que é data-base. Devido a uma série de fatores, entre eles a realização da Copa do Mundo não houve greve na principal região canavieira de São Paulo — Ribeirão Preto e Guariba — e o acordo coletivo de trabalho foi assinado em 25 de junho, entre a Federação dos Trabalhadores na Agricultura — Fetaesp — e a Federação dos Agricultores — Fetag.

Durante todo o mês de junho, os bóias-frias foram para os canaviais mais ansiosos do que em anos anteriores, pois o acordo assinado pouco mudou em relação ao estipulado no ano anterior. Os ganhos adicionais, reconhecem os sindicalistas, foram insignificantes, resultado agravado pela não alteração do sistema de pagamento do corte da cana-de-açúcar.

O acordo assinado em 25 de junho deixou para os sindicatos regionais a iniciativa de negociações particulares. Mas os usineiros recusaram-se sistematicamente a qualquer avanço nos termos do acordo inicial. Nem mesmo a interferência do ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, conseguiu qualquer resultado positivo.

No dia 30 de junho, os bóias-frias de Mogi-Guaçu rebelaram-se contra essa situação e deflagraram uma paralisação que se estendeu por toda a base territorial do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Leme e Araras, que inclui também o município de Conchal. Alguns dias depois, o movimento chegou a Cosmópolis, já envolvendo, então, 15 mil canavieiros. E foi justamente nessa cidade que surgiu o único acordo, embora sem resultados muito satisfatórios para os trabalhadores.